

GEOGRAFIA E MARXISMO: QUESTÕES DE MÉTODO E NOTAS DE PESQUISA*

Geography e Marxism: questions of method and notes of research

Marcos Aurélio da Silva**

RESUMO: Após um tratamento sintético das relações entre geografia e marxismo, o artigo, apoiado na epistemologia do materialismo histórico e dialético, por meio da categoria de formação econômico-social e espacial (ou formação sócio-espacial), procura apreender os condicionantes e as formas desiguais e combinadas assumidas pelo processo de acumulação industrial verificado na região de colonização alemã do nordeste catarinense.

Palavras-chave: geografia, marxismo, formação sócio-espacial, acumulação industrial, desenvolvimento desigual

ABSTRACT: After a brief treatment of the relations between Geography and Marxism, this article, supported by the epistemology of historical and dialectical materialism through the category of socio-economic and spatial formation (or socio-spatial formation), attempts to apprehend the restrictions as well as the unequal and combined forms assumed by the process of industrial accumulation verified in the region of German settling in the northeast of Santa Catarina state, Brazil.

Key words: Geography, Marxism, socio-spatial formation, industrial accumulation, unequal development



I - As relações entre geografia e marxismo

Tanto a geografia moderna, aquela que se desenvolve na Alemanha a partir das formulações de Ritter e Humboldt na primeira metade do século XIX, quanto o marxismo têm sua gênese ancorada em concepções filosóficas essencialmente comuns, isto é, o pensamento iluminista do século XVIII e a filosofia clássica alemã¹. Isso explica porque "Tanto geografia como marxismo têm tendência à postura holística", abarcando os conhecimentos das ciências da natureza e das ciências dos homens, cada qual vista com leis que não são estritamente as mesmas, mas entendidas como essencialmente dinâmicas e abordadas através de suas mútuas influências, sempre mutáveis².

Com efeito, já na Ideologia Alemã, obra fundadora do marxismo³, Marx e Engels, assinalando conhecerem "apenas uma única ciência, a ciência da história", insistem que esta "pode ser examinada sob dois aspectos: história da natureza e história dos homens", e que "Os dois aspectos... não são separáveis; enquanto existirem homens, a história da natureza e a história dos homens se condicionarão reciprocamente"⁴.

Certamente não deve estranhar que os fundadores da geografia moderna, disciplina que sempre se colocou a meio caminho entre as ciências naturais e humanas, assim também entendessem a história. Humboldt, ainda que privilegiasse o enfoque natural, preocupando-se em recompor através dos fenômenos o conjunto da natureza, para o que lança mão da verificação das relações de interdependência entre os fenômenos e das leis de sua distribuição espacial, abrindo caminho, pois, ao método comparativo nesta disciplina, não deixa de atentar para a organização social e política dos homens e as relações entre estas e as condições naturais. E este tratamento parece estar ainda mais evidente em Ritter. Afinal, para ele a geografia é uma disciplina eminentemente histórica, cujo centro está nas relações entre o ambiente natural e o desenvolvimento dos povos - concepção, aliás, que o leva a apresentar, em sua obra máxima (Geografia Geral e Comparada), um quadro da estrutura orográfica e hidrográfica da África e da Ásia com a finalidade de determinar a possibilidade de vida que o meio oferece aos povos que ali se instalam, bem como a influência desta relação nos acontecimentos históricos e as modificações provocadas pelo homem neste ambiente⁵.

Afora essas relações, que na verdade são indiretas, marxismo e geografia mantiveram durante um longo tempo uma certa distância. Aliás, os projetos em que cada qual se engajara foram desde os inícios diferentes. Enquanto o marxismo radicaliza as idéias de igualdade produzidas pela burguesia em sua luta contra o feudalismo, a geografia irá conciliar-se com a reação nacionalista da aristocracia prussiana às pretensões napoleônicas, implicando na valorização dos aspectos ligados à cultura germânica, que assim se colocam como elementos de resistência e união, cruciais para a unificação territorial e a modernização num país que chega tardiamente à industrialização e ao capitalismo⁶.

As relações mais diretas entre geografia e marxismo são encontradas apenas após a II Guerra Mundial, e isto não na Alemanha, mas na França - já que no primeiro país esta disciplina adentrou o século XX seguindo o caminho ultraconservador aberto por Ratzel que, operacionalizando as

idéias geográficas de Humboldt e Ritter por meio do pensamento positivista, substituiu a idéia de relações recíprocas entre história e natureza por uma naturalização dos fenômenos humanos, o que mais tarde deu lugar ao racismo e à agressividade geopolítica do nazismo⁷.

Na França do pós II Guerra a questão que se colocava para os primeiros geógrafos marxistas era a do enfrentamento das abordagens em termos de gênero de vida⁸. Com efeito, o enfoque dos gêneros de vida, enquanto adaptado ao projeto de fundação da geografia francesa no final do século XIX, buscava diferenciar-se do determinismo alemão limitando-se tão-somente à assunção de uma postura mais equilibrada no estudo das relações homem-natureza, cuja ênfase recaia nos estudos (de corte etnográfico) de regiões camponesas isoladas - o que se revelava um anacronismo diante das conquistas teóricas já alcançadas no campo dos conhecimentos históricos, notadamente marcado pelo desenvolvimento do marxismo, e da realidade francesa, dominada pelo desenvolvimento do capitalismo que subordinava a agricultura camponesa⁹.

Destarte, foi buscando superar as limitações da noção de gênero de vida que o enfoque marxista ganhou campo entre os geógrafos, num movimento que, imbricado com a militância política (filiação ao PCF), abriu espaço para a busca de categorias de análise mais coetâneas com o desenrolar histórico - como, por exemplo, colonialismo, imperialismo, sistemas econômicos e sociais e outras, então utilizadas por pioneiros como P. George e J. Dresch, e que formaram toda uma geração (Lacoste, Kaiser, Guglielmo, Rochefort, Dugrand).¹⁰

II - A geografia e a categoria de formação econômico-social

Dentre as categorias marxistas de uso na geografia, a mais completa e, logo, mais apta a uma elevação qualitativa do aparato teórico metodológico desta disciplina, está a categoria de formação econômico-social (F.E.S.)¹¹. Foi M. Santos quem, influenciado pela geração de intelectuais brasileiros que na década de 1930 se aproximou do marxismo, mas, sobretudo, participando do movimento de integração entre geografia e marxismo na França do pós-guerra, explicitou, anos mais tarde, as relações entre a geografia e esta categoria de análise¹².

Percorrendo o amplo debate suscitado no interior do marxismo em torno desta categoria, M. Santos insiste que devemos tomar como ponto de partida para o seu entendimento a análise realizada por E. Sereni, autor que "nos ofereceu uma interpretação das F.E.S. que teria escapado ao próprio Lênin"¹³.

Para Sereni, "a noção de formação econômico-social se coloca inequivocamente no plano da história, que é... o da totalidade e unidade de todas as esferas (estruturais, supra-estruturais e outras) da vida social, na continuidade e ao mesmo tempo na descontinuidade de seu desenvolvimento histórico"¹⁴. Com efeito, esta compreensão afasta tanto o reducionismo do marxismo da II Internacional (K. Kautsky), que identifica a noção de formação social com "a do 'conjunto das relações de produção' ou com 'modo de produção' ou enfim,... com 'base econômica'", quanto o estruturalismo althusseriano, cujo intento de superar a noção hegeliana de tempo histórico (continuidade homogênea), resultou na negação da unidade dialética entre continuidade e descontinuidade deste¹⁵.